

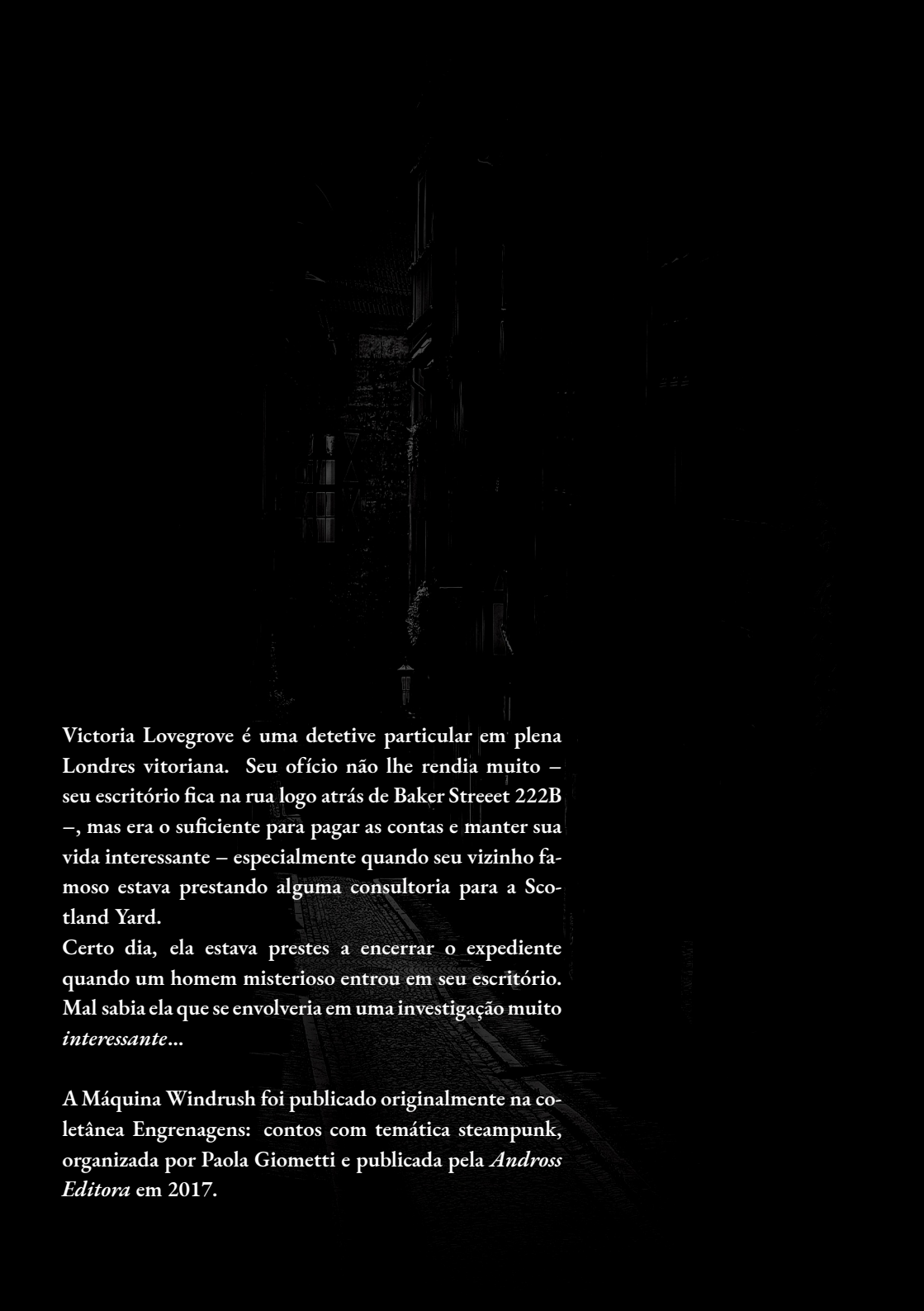


# A MÁQUINA WINDRUSH

UM CONTO DE INVESTIGAÇÃO EM UMA INGLATERRA VITORIANA STE-  
AMPUNK

LU CAVALHEIRO

2022



Victoria Lovegrove é uma detetive particular em plena Londres vitoriana. Seu ofício não lhe rendia muito – seu escritório fica na rua logo atrás de Baker Street 222B –, mas era o suficiente para pagar as contas e manter sua vida interessante – especialmente quando seu vizinho famoso estava prestando alguma consultoria para a Scotland Yard.

Certo dia, ela estava prestes a encerrar o expediente quando um homem misterioso entrou em seu escritório. Mal sabia ela que se envolveria em uma investigação muito *interessante...*

A Máquina Windrush foi publicado originalmente na coletânea Engrenagens: contos com temática steampunk, organizada por Paola Giometti e publicada pela *Andross Editora* em 2017.

# A MÁQUINA WINDRUSH

Um conto de investigação em uma Inglaterra vitoriana steampunk

Autoria: 2017, 2022 Lu Cavaleiro

Texto licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual  
CC-BY-SA 4.0 Internacional

# DADOS DA PUBLICAÇÃO

Autoria e diagramação: Lu Cavalheiro

Revisão da publicação original: Sandra Garcia Cortés

Artes:

- Capa: Michal Klajban, *Craigdarroch Castle just after sunset – view from the south, Victoria, Canada*, 2018, Licença CC-BY-SA 4.0 Internacional ([https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR)) ([https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Craigdarroch\\_Castle\\_just\\_after\\_sunset\\_-\\_view\\_from\\_the\\_south,\\_Victoria,\\_Canada\\_01.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Craigdarroch_Castle_just_after_sunset_-_view_from_the_south,_Victoria,_Canada_01.jpg))
- Quarta capa: <https://pxhere.com/en/photo/858730>, 2017, Domínio Público

---

A **MÁQUINA WINDRUSH** foi publicado originalmente na coletânea *Engrenagens: contos com temática steampunk*, organizada por Paola Giometti e publicada pela *Andross Editora* em 2017. Na coletânea, fui creditada usando meu nome civil, *Luís Fernando Carvalho Cavalheiro*.

ISBN-13 da coletânea *Engrenagens: contos com temática steampunk*: 978-85-9926-799-8.

Este conto é uma obra de ficção situada em uma leitura *steampunk* da Inglaterra vitoriana. Quaisquer semelhanças com a realidade são meras coincidências.

**Conto não recomendado para menores de 14 anos, por retratar nudez implícita e horror sobrenatural.**

---

## MEUS CONTATOS

- **Loja Kindle**: [https://www.amazon.com.br/s?k=%22Lu+Cavalheiro%22&i=digital-text&\\_\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85C5%BD%C3%95C3%91&crid=1MOZZGOF3VCP&srefix=lu+cavalheiro+%2Cdigital-text%2C171&ref=nb\\_sb\\_noss](https://www.amazon.com.br/s?k=%22Lu+Cavalheiro%22&i=digital-text&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85C5%BD%C3%95C3%91&crid=1MOZZGOF3VCP&srefix=lu+cavalheiro+%2Cdigital-text%2C171&ref=nb_sb_noss)
- **Bazar Verde**: <https://www.bazarverde.com.br/Lu%20Cavalheiro>
- **E-mail**: [lu.cicerone.cavalheiro@gmail.com](mailto:lu.cicerone.cavalheiro@gmail.com)
- **Facebook**: <https://www.facebook.com/lu.cicerone.cavalheiro>
- **Instagram**: <https://www.instagram.com/lu.cicerone.cavalheiro/>
- **Itch.io**: <https://lucavalheiro.itch.io>
- **Twitter**: <https://twitter.com/luRPGcavalheiro>

---

O conto **A Máquina Windrush** foi escrito usando o editor de textos *VIM – Vi IMProved*, versão 8.2, disponível nos repositórios oficiais do **Debian Bullseye** (<https://www.debian.org/>), diagramado usando  $\text{\LaTeX}$  e compilado usando o comando `lua\latex`, versão 1.12.0, disponível nos repositórios oficiais do **Debian Bullseye** (<https://www.debian.org/>).

As fontes utilizadas foram a *EBGaramond* e *LiberationMono*, ambas disponíveis sob *SIL Open Font Licence*, cujo texto pode ser lido em <http://scripts.sil.org/OFL>.

---

# A MÁQUINA WINDRUSH

---

Victoria Lovegrove lia preguiçosamente uma revista científica em seu gabinete em Siddons Lane, 8. Era uma tarde fria da primavera de 1874 em Londres, e após uma leve chuva ela pensou se aquele seria mais um dia moroso. Ela atirou a revista em cima da pilha de contas a pagar e levantou-se para trancar a porta e encerrar o expediente, mas foi interrompida pela campainha.

Ao abrir a porta, viu-se perante um homem alto, de pele e olhos claros e vestindo uma sobrecasaca preta que não era de confecção inglesa. Seus gestos eram enérgicos, e em uma das mãos ele segurava uma cartola também preta. Sua voz era firme e marcada por um sotaque alemão.

— *Fraulein* Lovegrove, eu presumo. Encantado. *Herr* Brackhaus – disse com um sorriso e meneio de cabeça.

Victoria estendeu a mão para que ele a beijasse, convidou-o a entrar e sentar-se, e ocupou sua cadeira no gabinete. Brackhaus foi direto ao assunto:

— *Fraulein*, preciso de uma pessoa discreta para um caso de espionagem industrial. Temo que um associado tenha sido vítima de sabotagem em uma invenção. Não posso dizer mais se *Fraulein* não aceitar o serviço.

Victoria, pensando nas contas a pagar, respondeu:

— Quando eu começo?

Brackhaus sorriu satisfeito.

Quatro horas mais tarde, os dois estavam em uma carruagem a caminho de Oxford, de onde iriam para a mansão do associado de Brackhaus, o Barão Windrush. Durante a viagem ele passou os detalhes do caso para ela. Aficionado por tecnologia e ciência, Win-

drush decidiu construir uma versão da máquina diferencial de Babbage movida a vapor. Patrocinado por Brackhaus, um industrial alemão, o barão desenvolveu vários protótipos, nenhum funcional, até parar de relatar seu progresso há duas semanas. Ele temia que alguém houvesse roubado os projetos de Windrush ou mesmo matado o barão, e o trabalho de Victoria seria descobrir o que acontecera. Durante a viagem ela apenas verificou seu revólver e murmurou alguns comentários.

Eles chegaram a Oxford após o anoitecer, e a carruagem parou em frente ao Hotel Randolph. Brackhaus disse ser um dos sócios do hotel e por isso tinha direito a um quarto sempre ao seu dispor, que Victoria usaria durante sua estadia em Oxford. Após apresentá-la na portaria do hotel, Brackhaus retornou para Londres. Aparentava felicidade e pressa. Victoria acomodou-se no quarto, que era muito maior que seu escritório, e pediu jornais locais para distrair-se antes do sono.

Ela iniciou suas investigações ao amanhecer. Porém, todas as pessoas a quem ela perguntava sobre a Mansão Windrush franziam o cenho e não queriam falar sobre o assunto. Algumas demonstravam medo, mencionando obliquamente um clarão visto há duas semanas na propriedade. Ninguém estava disposto a se aproximar da mansão, não interessava qual fosse o pagamento prometido. Todo esse mistério e a aparente alegria de Brackhaus em se afastar de Oxford preocuparam-na, mas sem muitas opções alugou um cavalo – pelo qual pagou cinco vezes o valor estipulado apenas por ter mencionado seu destino – e dirigiu-se para os domínios do barão.

A estrada para a Mansão Windrush começava com calçamento de paralelepípedos, mas a menos de meia milha de Oxford se convertia em uma rota de terra batida transformada em lama pela umidade daquela primavera. Após seis milhas se tornou possível perceber a proximidade dos domínios de um barão tão interessado em tecnologia: a estrada se tornava de macadame e havia postes para iluminação a gás a cada cinquenta metros. Ainda assim, teve de percorrer mais duas milhas para chegar aos portões da Mansão Windrush. O gradil era rebuscado para quase além do limite da funcionalidade, e o portão se abria para uma milha de jardins e gramados iluminados por lâmpadas a gás e entrecortados por caminhos de macadame em um padrão radial. Ao fundo ficava a mansão, um imponente prédio em estilo neoclássico – ou melhor, seria um imponente prédio se metade dele não estivesse em ruínas, denotando uma explosão. Estranhamente, não havia destroços ou entulho nos jardins.

Victoria abriu os portões e avançou desconfiada em direção às ruínas. Havia uma sensação pegajosa no ar, como se houvesse uma neblina muito densa emanando de algum

lugar, e a ausência de destroços ao redor da mansão aparentemente explodida desafiava qualquer racionalidade. A duzentas jardas da mansão era possível escutar sons de pistões, válvulas e engrenagens, mas ali eles não formavam uma orquestra cadenciada: pareciam milhares de cacofonias tentando abafar umas às outras. A sensação pegajosa agora era acompanhada pelo mesmo cheiro esquisito de algumas demonstrações científicas que ela assistira e que os cientistas diziam se chamar ozônio.

Ela apeou do cavalo, que imediatamente relinchou assustado e correu para longe do prédio, e tentou limpar um pouco da poeira da viagem. Victoria pegou seu revólver e esgueirou-se pela porta entreaberta da mansão, um belíssimo trabalho em madeira entalhada e revestida em laca. O salão principal não estava escuro, como ela esperava, mas iluminado por lâmpadas a gás e pelos buracos que a explosão abriu no teto e nas paredes. Ali o volume da cacofonia era quase insuportável, rapidamente causando-lhe intensa dor de cabeça. Havia rachaduras nas paredes que pareciam esperar um mínimo vento para desabar, mas não havia entulho dentro da casa. Entretanto, e o mais enervante, eram as sombras para as quais não havia objeto correspondente. Isso a fez pensar no medo que algumas pessoas demonstravam à menção da mansão.

Aprumando os ouvidos, ela percebeu que a orquestra infernal parecia vir do subsolo, acessível por meio de uma escada no salão principal. Rezando para que nada desabasse em sua cabeça, ela desceu as escadas para deparar-se com o fruto da mais insana imaginação. No subsolo, um salão amplo com mais de vinte jardas de pé direito, havia uma imensa massa de engrenagens, pistões e outros componentes obviamente mecânicos dos quais saíam tentáculos mais negros que a noite. O ozônio, o vapor e a fuligem deixavam o ar quase irrespirável. Uma voz, humana e inumana em seu desespero, gritava de dor e parecia vir da máquina medonha. O ruído emitido pela máquina misturava-se aos gritos e a outros sons não identificáveis em um volume decididamente ensandecedor, e ela sentiu sangue escorrer de um de seus ouvidos. Tapar os ouvidos com as mãos apenas reduzia o barulho para algo quase tolerável.

Victoria seguiu os gritos o melhor que pôde. Ao aproximar-se da máquina, viu um homem seminu integrado à máquina e aos tentáculos, com peças perfurando-lhe o corpo e os tentáculos invadindo seus orifícios corporais. Seu olhar era decididamente insano, mas ao ver a investigadora gritou-lhe implorando pela morte. Incapaz de pensar com clareza devido ao barulho, ela levantou seu revólver e atendeu o último desejo daquele pobre-diabo. No mesmo instante a máquina silenciou por completo, os tentáculos desapareceram e o ar se tornou respirável.

Curiosa, ela procurou ao redor pistas sobre o que acontecera, e encontrou registros manuscritos em uma bancada relatando como o barão acreditava ter descoberto o segredo da viagem temporal. Os primeiros experimentos falharam, mas ele estava certo de que o sucesso era uma questão de tempo. Observando os esquemáticos, ela deduziu que aquela máquina era o mais recente protótipo do barão, mas a coisa dera muito errado. Provavelmente o homem morto era o próprio barão. Ela não encontrou nenhuma menção aos tentáculos. Mas ela não teve tempo para pensar. Onde estava a máquina, formou-se um disco negro que começou a sugar tudo no subsolo para dentro de si, e ela mal teve tempo de correr para longe da mansão antes que esta desaparecesse no nada.

Como o cavalo havia fugido, ela teve que voltar a pé para Oxford, e de lá tomou uma carruagem para Londres. Ela nunca mais ouviu falar de *Herr* Brackhaus ou de seu pagamento.